

ENVELHECIMENTO ATIVO NO PROCESSO DE TRABALHO

Marília Souto de Araújo¹
Dayana Kelly Soares Ferreira²
Jucielly Ferreira da Fonseca³
Paula Beatriz de Souza Mendonça⁴
Soraya Maria de Medeiros⁵

RESUMO

O processo de envelhecimento é um fator presente na sociedade moderna, uma vez que as condições de vida melhoram e sua expectativa aumenta com o passar dos anos. Com isso, a inserção do idoso no mercado de trabalho reflete em uma maior participação economicamente ativa desse público. O objetivo desse trabalho é descrever as possibilidades do envelhecimento ativo dentro do processo de trabalho. Após pesquisa apurada nas bases de dados no Portal de Periódicos da CAPES/MEC, Biblioteca Virtual em Saúde e na *Scientific Electronic Library Online* e devidas análises, o presente compilado chegou a amostra de 5 estudos que abordam a temática em questão e se enquadram nos critérios elecados. Constatou-se que os indivíduos idosos que trabalham eram mais ativos e os estudos destacaram a predominância de homens, com melhor escolaridade, melhor poder aquisitivo, casados e com filhos, como a maioria entre os idosos que se mantém em um envelhecimento ativo. Contudo, recomenda-se realizar mais estudos detalhados sobre a temática para aprofundar a questão do ser ativo e o trabalho.

Palavras-chave: Condições de trabalho, Envelhecimento, Bem-estar.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias faz com que as relações de trabalho passem por um processo de mudança. Além de promover novas formas de organização de trabalho também há uma maior demanda da produção, isso torna as relações mais instáveis e uma rotatividade maior de trabalhadores, devido à modernização da mão de obra de trabalho.

O processo de envelhecimento não condiz com a diminuição na capacidade de trabalho, de forma generalizada, no entanto são desvalorizados pelo fato de que algumas

¹ Enfermeira. Especialista em Enfermagem do trabalho. Mestranda do Programa de pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, mariliasdearaujo@yahoo.com.br;

² Enfermeira. Especialista em Enfermagem do trabalho. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, enferdada@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, juciellyffonseca@gmail.com;

⁴ Enfermeira. Especialista em saúde coletiva, aluna especial do mestrado em saúde coletiva programa Ppgscol UFRN. paulabia_s2@hotmail.com

⁵ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do curso de graduação em Enfermagem e do Programa de pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, sorayamaria_ufrn@hotmail.com;

atividades precisam de uma maior habilidade. Em decorrência disso, o declínio da idade faz com que haja um maior desgaste fisiopsicoemocional, fazendo com que certas ações que são impossibilitadas se sobressaiam ao conhecimento vasto do indivíduo (LANCMAN; SZNELWAR; JARDIM 2006).

Desse modo, o processo de envelhecimento é um fenômeno que atinge todo o mundo, que ocorre tanto nos países desenvolvidos quanto nos que estão em desenvolvimento. Por isso, observa-se um aumento significativo na necessidade dos idosos possuírem uma vida ativa, uma vez que a longevidade humana se estende a cada ano.

No Brasil, esse processo de envelhecimento tem se caracterizado de maneira crescente, se destacando dentre os países mais populosos. Assim sendo, o país deixa de ser predominantemente jovem, possuindo o aumento na faixa etária da população (IBGE, 2009). Nesse sentido, como resultado dessa transição demográfica, ocorre o envelhecimento da população de maneira ativa, que tende a intensificar-se com o passar do tempo (GIATTI; BARRETO, 2003).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), a taxa de idosos inseridos no mercado de trabalho está em ascensão no país, com isso há mudanças na organização familiar e na contribuição de renda, fazendo com que esse público tenha uma maior participação como população economicamente ativa (PEA).

A participação da terceira idade no mercado de trabalho, incluindo aqueles que já estão aposentados, é o modo que os idosos têm para que se haja manutenção de sua qualidade de vida, envolvendo, além disso, uma complementação na renda familiar. Dessa forma, promove-se uma maior independência financeira, dando a eles autonomia, além de haver uma estimulação mental e física e gerando integração social (QUEIROZ; RAMALHO, 2009).

Por isso, conforme ocorre o envelhecimento da força de trabalho, é necessário o desenvolvimento de ações que preserve o idoso de patologias e que haja promoção à saúde desse público, prevenindo as suas capacidades e seu bem-estar, através da sua inclusão e permanência no ambiente de trabalho.

Dessa forma, é necessário que as organizações de trabalho promovam uma melhor qualidade da atividade a esse público, além de se prepararem para empregar e manter os idosos de forma ativa nas empresas, através de ações que favoreçam suas experiências e habilidades (SATO et al., 2017).

Nesse contexto, o estudo associou as condições de trabalho que os idosos enfrentam em relação a promoção do seu bem-estar. Com isso, o objetivo desse estudo é compreender como ocorre o envelhecimento ativo dentro do processo de trabalho.

METODOLOGIA

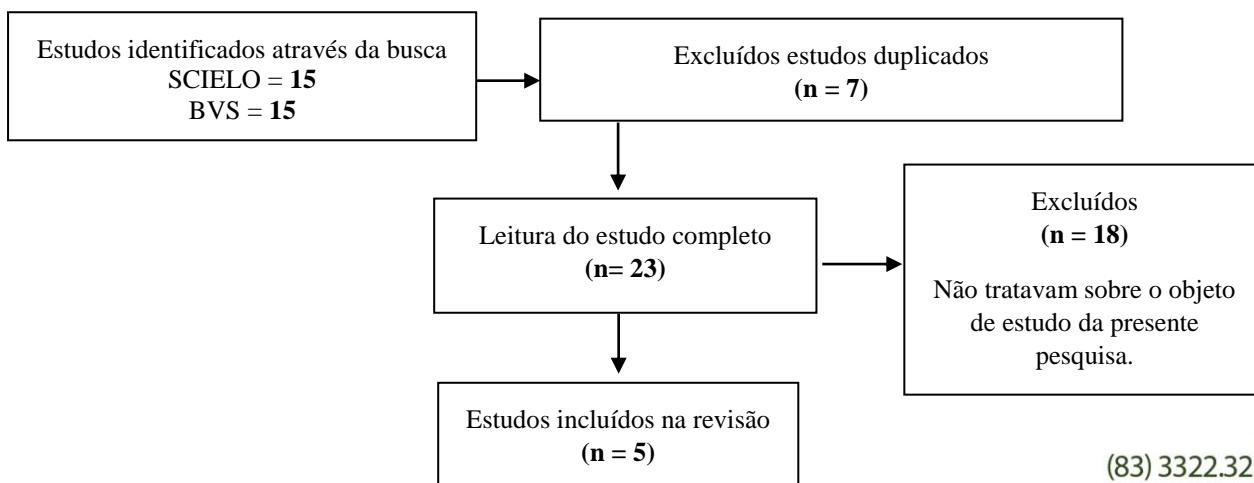
O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 167) “não é apenas uma repetição do que já foi dito ou escrito sobre o assunto abordado, mas proporciona o exame da temática sob nova perspectiva, atingindo assim conclusões inovadoras”.

Está pesquisa foi realizada mediante busca online no mês de junho de 2019, através de levantamento bibliográfico de produções disponíveis em bases de dados, através do Portal de Periódicos da CAPES/MEC, através do acesso CAFE, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Para a seleção dos artigos, utilizou-se como critérios de inclusão: artigos e monografias disponíveis em formato eletrônico para acesso gratuito em texto completo; estudos disponíveis nos idiomas inglês, espanhol e português. Enquanto como critérios de exclusão: artigos que não abordassem a temática do estudo e artigos duplicados nas bases pesquisadas. Em decorrência da baixa quantidade de estudos sobre a temática em questão, optou-se por não haver uma delimitação temporal.

Para tal, de acordo com os descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizou-se: Condições de trabalho, Envelhecimento e Bem-estar, sendo estes cruzados através do moderador booleano “AND”.

Figura 01 - Seleção da amostra.



DESENVOLVIMENTO

O termo trabalho originou-se do latim *tripalium*, que é um termo utilizado para designar instrumento de tortura, ou mais precisamente, “instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, nas quais agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los” (ALBORNOZ, 1994, p.10).

Durante muito tempo, o termo trabalho esteve relacionado com situações que remetiam à sacrifício, martírio e derivados. Na Grécia Antiga, os cidadãos livres tratavam o trabalho com desdém (RIBEIRO; LEDA, 2004).

A noção de trabalho humano associa-se a um significado simultaneamente penoso, expresso, por exemplo, na formação cultural cristã, pela condenação de Adão, no Velho Testamento, e gratificante, expresso pela interpretação humanista do trabalho como mimesis do ato divino de criação (LIEDKE, 1997, p.272).

Karl Marx (1983), afirma que é por meio do trabalho que o homem torna-se um ser social, sendo o trabalho, portanto, central na vida dos sujeitos; é, pois, um processo entre o homem e a natureza, em cujo processo o homem se realiza, regula e controla, mediante sua ação e a natureza. Dessa forma, o trabalho se incorpora ao homem. De acordo com Arendt (2010), Marx deixa claro que estava falando da relação fisiológica onde o trabalho e o consumo são dois estágios do ciclo vital.

Nesse sentido, percebe-se que o trabalho apresenta dois olhares dessemelhantes: o primeiro tem uma concepção negativa, visto que se apresenta como algo punitivo; a segunda concepção é positiva, onde ele é significativo por estar relacionado a realização, crescimento pessoal, possibilidade de o homem construir a si mesmo e marcar sua existência no mundo (RIBEIRO; LEDA, 2004).

Corroborando com a discussão, Antunes (2004) reflete que o trabalho é uma condição humana básica, e nesse sentido, essencial; e em tal dimensão pode-se afirmar que o trabalho criou o próprio homem.

Através da teoria do modo de produção, para Marx, o uso da força de trabalho é o trabalho propriamente dito, relação de força e resultado, em cuja relação o comprador da força de trabalho a consome, fazendo trabalhar o vendedor de sua força, convertendo-a em força de trabalho em ação, ou seja, em trabalhador (MARX, 1983).

Ainda refletindo sobre o trabalho sendo uma condição necessária para a existência humana, como referiu Karl Marx em 1983, Arendt (1995) corrobora com o autor e acrescenta que a condição humana está relacionada a três fatores fundamentais que configuram a vida na terra: “labor”, “trabalho” e “ação”. Com isso, tem-se que o labor é a atividade correspondente ao processo biológico do corpo humano, está relacionada às necessidades vitais, e além disso, garante a sobrevivência do indivíduo e a vida da espécie (ARENDR, 1995).

O trabalho permite a gênese de objetos e a transformação destes, proporcionando a criação de um habitat distinto ao dos outros animais. Dirigido pela utilidade, permite ao homem demonstrar a sua habilidade e inventividade artesanal, sendo este um ser social (ARENDR, 1995).

Salienta-se que no que diz respeito à realização do ser social, esta se efetiva a partir da produção e reprodução da sua existência. Essa realização é um ato social que se efetiva pelo trabalho, em sua cotidianidade, através do qual o homem torna-se ser social, distinguindo-se de todas as formas não humanas (ANTUNES, 2003).

A ação, por sua vez, é a única atividade que independe da medição da matéria e se correlaciona com a condição humana da pluralidade. É por meio da ação que os homens são capazes de demonstrar quem são (ARENDR, 1995).

Dessa forma, tem-se o trabalho como uma atividade que constitui o “ser” humano e, com isso, não realizar tal atividade pode trazer diversas repercussões em âmbitos sociais, psíquicos, econômicos e espirituais; o envelhecimento está atrelado a essa discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após pesquisa apurada nas bases de dados referidas e devidas análises, o presente compilado chegou a amostra de 5 estudos que abordam a temática em questão e se enquadram nos critérios elecados. Os mesmos são estudos que contemplam diversos períodos e são bastante atuais na abordagem dos seus achados.

Um dos estudos, realizado com 626 participantes da base de dados do Estudo FIBRA-RJ, evidenciou que a permanência no mercado de trabalho após os 65 anos esteve associada ao sexo masculino (55%), às faixas etárias mais jovens de 65 a 74 anos de idade (58,4%), à maior escolaridade com treze anos ou mais de estudo (45,9%) e à maior renda superior a 5,1 salários (66,3%). Além disso, esta manutenção do trabalho remunerado entre os idosos se

relacionou a melhores condições de saúde física e maior satisfação com a vida na velhice que aqueles que encerraram suas atividades laborais (RIBEIRO et al., 2018).

Também houve menor prevalência de todas as patologias estudadas no grupo que ainda trabalhava comparado ao que parou de trabalhar. Assim esse estudo evidenciou que uma melhor condição de saúde está positivamente associada ao trabalho. O aumento da idade e a presença de doenças cardíacas, AVC, DPOC, depressão e osteoporose foram relacionados a menores chances de permanência nas atividades de trabalho, devido serem condições clínicas que elevam as chances de perdas funcionais. (RIBEIRO et al., 2018)

Outro estudo realizado com dados da cidade de São Paulo, com 2.113 idosos na pesquisa SABE, também constatou que a predominância de homens trabalhando (40,62%) em relação as mulheres (17,1%). Além disso, uma proporção importante de homens (8,84%) ainda estava inserida no mercado de trabalho aos 80 anos de idade; já a participação feminina é significativamente menor do que a masculina em todas as idades. Eram eles que também dispunham de maior renda do que as elas. E aqueles com maior número de bens têm maior probabilidade de estarem trabalhando (PÉREZ; WAJNMAN; OLIVEIRA, 2006).

Os mais escolarizados apresentam as maiores taxas de atividade, sendo especialmente surpreendente a porcentagem das mulheres com mais de 12 anos de estudo (38%). Os que possuíam mais anos de estudo têm a maior chance de estarem trabalhando. No que tange a situação conjugal, as mulheres solteiras e os homens casados são os que registram as maiores taxas de participação. O índice de atividade dos homens eleva à medida que se aumenta o número de filhos vivos. Fato que também é evidenciado se a mulher idosa tem filhos, há uma maior probabilidade de estar trabalhando do que aquela que não tem, sendo que essa probabilidade é maior quanto mais for o número de filhos (PÉREZ; WAJNMAN; OLIVEIRA, 2006).

Em geral, foi constatado que as mulheres se encontravam em pior estado de saúde do que os homens e os dois sexos concentraram sua avaliação nos níveis intermediários: boa e regular. Quanto pior o estado de saúde, menor a chance de as mulheres estarem ativas (PÉREZ; WAJNMAN; OLIVEIRA, 2006).

Evidencia-se que os idosos com maior escolaridade, possivelmente, tiveram acesso a ocupações mais qualificadas e optaram pela permanência no mercado de trabalho, motivados tanto pelo rendimento, quanto pela satisfação com as atividades laborais e suas conquistas. Isso pelo fato de que entre os idosos de baixa renda a necessidade de trabalhar parece não permitir uma maior satisfação com a vida, e já nas classes com maior condição financeira, a

manutenção do trabalho pode representar a manutenção do papel social e da qualidade de vida e, evidentemente, maior satisfação com a vida na velhice (RIBEIRO et al., 2018).

Em contrapartida o estudo documental, realizado por Geib (2012), afirma que para muitos aposentados, a necessidade de manter-se no mercado de trabalho pode estar relacionada à insuficiência dos proventos para cobrir as despesas do dia a dia, agravada pelo descuido com a saúde em certas atividades, especialmente àquelas com prolongadas e cansativas jornadas de trabalho. Nessas situações, parte dos proventos é absorvida para a compra de medicamentos.

A fragilidade de saúde e as incapacidades decorrentes do envelhecimento tendem a enfraquecer a interação social e a participação comunitária dos idosos, com riscos de isolamento social e limitações no estilo de vida. Dessa forma, circunstâncias sociais e econômicas determinam condições de vida e trabalho desiguais - com acesso diferenciado aos alimentos, à habitação, à educação, entre outros aspectos – influenciando na construção do capital social e dos comportamentos e estilos de vida, que expõem os indivíduos a diferentes situações e vulnerabilidades (GEIB, 2012).

Em pesquisa do IPEA com autoria de Camarano (2001), foi evidenciado que a elevação da parcela da População Economicamente Ativa (PEA) composta por aposentados pode estar refletindo, pelo lado da oferta, maior cobertura do benefício previdenciário e aumento da longevidade conjugado com melhores condições de saúde que permitem que uma pessoa ao atingir os 60 anos possa, com facilidade, exercer uma atividade econômica. Arelado a demanda, a contratação de um idoso beneficia o empregador por trazer algumas vantagens em termos de menores custos relativamente à contratação de um não-idoso. Por exemplo, o empregador não terá gastos com vales transportes. Como também, um idoso tem uma chance maior de aceitar um serviço com menos garantias trabalhistas.

Essa pesquisa vem constatar que os aposentados trabalharam menos que os não-aposentados, no qual mais da metade dos aposentados que trabalhavam o fazia nas atividades agropecuárias (53,6% dos homens e 42,6% das mulheres), seguido do comércio e serviços domésticos, o que provavelmente se explica pelo contexto da época do estudo. Dentre os aposentados que trabalhavam em 1998, apenas 7,5% dos homens e 6% das mulheres tinham carteira assinada, mas a proporção correspondente para a PEA idosa não-aposentada foi, respectivamente, de 18% e 9,4%. De qualquer maneira, não é grande a proporção de idosos que trabalham com carteira assinada (CAMARANO, 2001).

Segundo Camarano (2001), a participação do idoso brasileiro no mercado de trabalho é alta, considerando os padrões internacionais. Isso está relacionado a uma particularidade muito específica do mercado de trabalho brasileiro: a volta do aposentado ou a sua não saída do mercado de trabalho. Mais da metade dos idosos do sexo masculino e quase 1/3 do sexo feminino que estavam no mercado de trabalho eram aposentados em 1998, tendo essa participação crescido no período analisado.

Entre as variáveis consideradas que poderiam influir nessa participação, a idade e a educação mostraram ter um peso importante, apresentando a idade um efeito negativo e a educação, positivo. Acredita-se que essas duas variáveis refletem nas condições de saúde, o que, na verdade, deve ser um dos determinantes mais importante da oferta de força de trabalho do idoso. Dessa forma, foi observado que nas famílias que os idosos contribuem mais, é maior a contribuição da renda do trabalho (CAMARANO, 2001)

Outra pesquisa documental feita por Vêras e Felix (2016), aborda que ao assumir uma velhice saudável, sustentável e a longevidade possível como destino inexorável do ser humano do século XXI, a sociedade atribui ao indivíduo um domínio total sobre o seu ciclo de vida, sem a interferência do Estado e a despeito, que é o importante neste texto, do tipo de interação que mantém com o “ambiente construído” das cidades.

Nesse espaço concreto, porém, o trabalhador idoso enfrenta uma existência, defende-se aqui, em três dimensões. A primeira, a do invisível em suas necessidades básicas. A segunda, a do visível-sujo, no qual o idoso é visto como um estranho por ocupar espaços privilegiados na fila do banco, no estacionamento do shopping, no transporte público, portanto, é visto como um estranho a quebrar a harmonia do ambiente. A terceira dimensão é a do visível-limpo, na qual o idoso consegue manter sua força de trabalho e seu potencial de consumo (VÉRAS; FELIX, 2016).

O idoso, portanto, de forma linear, como pessoa bem envelhecida e saudável – porque afinal dispôs de toda sorte de ferramentas para alcançar o estágio do envelhecimento ativo –, estaria apto a ampliar sua vida laboral e, assim, cooperar com a sustentabilidade dos sistemas de previdência que, agora, no século XXI, são raramente públicos de forma integral (VÉRAS; FELIX, 2016).

Ainda que permaneça, no mercado de trabalho na condição de aposentado, o trabalhador maduro opta pela aposentadoria para abrir alternativas de sobrevivência, influenciadas pela degradação das cidades, como reduzir seu tempo de mobilidade com a obtenção de um

emprego mais próximo de seu local de residência – na maioria das vezes em condição informal – ou buscar empregabilidade em cidades menores (VÉRAS; FELIX, 2016).

Entretanto, resta claro que a complexidade dessa fase possui uma necessidade maior na promoção do cuidado para que se haja profissionais ativos no mercado de trabalho mesmo no período da velhice, a fim de gerar para estes uma maior interação social atrelado a melhor qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a população idosa brasileira vem apresentando um importante crescimento e nesse âmbito também diversos fatores econômicos e sociais vem influenciar essa população e sua qualidade de vida. Constatou-se nesse estudo que os idosos estão cada vez mais voltando ou permanecendo no mercado de trabalho. Isso vem atrelado a uma aposentadoria com baixos proventos insuficientes para manter o padrão familiar como também o sentimento de ser útil socialmente.

As pesquisas troxeram que ora o idoso que estava executando uma atividade laboral era mais saudável e indicava ser mais ativo, no qual destacou-se a predominância de homens, com melhor escolaridade, melhor poder aquisitivo, casados e com filhos, como a maioria entre os idosos que se mantêm em um envelhecimento ativo, no entanto, seria necessário uma pesquisa mais detalhada que não só atrelasse ao ato de trabalhar e o ser ativo saudável.

Isso pelo fato, de o trabalho também trazer influências na saúde do indivíduos com a vida rotineira e estressante, dependendo da ocupação que execute. Assim, destaca-se a importância de haver pesquisas mais detalhadas sobre o assunto, para esclarecer mais sobre a temática do envelhecimento ativo e o trabalho.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 9. Ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

ARENDT, H. **A condição humana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CAMARANO, A. A. O idoso brasileiro no mercado de trabalho. **IPEA**, Rio de Janeiro, n. 830, out. 2001. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0830.pdf.

GEIB, L. T. C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 123-133. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n1/a15v17n1.pdf>.

GIATTI, L.; BARRETO, S. M. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p.759-771, 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população Brasileira**. Estudos e pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Estudos e pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE; 2015.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L.I.; JARDIM, T.A. Sofrimento psíquico e envelhecimento no trabalho: um estudo com agentes de trânsito. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, São Paulo, v. 17, n. 3, p.129-136, set. 2006.

LIEDDKE, E. Trabalho. In: CATTANI, A (Org.). **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. Porto Alegre: Vozes, 1997. p. 268-274.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

QUEIROZ, V.S.; RAMALHO, H.M.B. A Escolha Ocupacional dos Idosos no Mercado de Trabalho: Evidências para o Brasil. **Revista Economia: Selecta**, Brasília, v. 10, n. 4, p.817-848, dez. 2009.

PÉREZ, E.R.; WAJNMAN, S.; OLIVEIRA, A.M.H.C. Análise dos determinantes da participação no mercado de trabalho dos idosos em São Paulo. **Rev Bras Est Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 269-286, jul./dez. 2006.

RIBEIRO, C.V.S; LEDA, D.B. O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. **Estud Pesqui Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 4, n. 2, dez. 2004.

RIBEIRO, P. C. C.; et al. Permanência no mercado de trabalho e satisfação com a vida na velhice. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 8, p. 2683-2692. 2018.

VÉRAS, M. P. B.; FELIX, J. Questão urbana e envelhecimento populacional: breves conexões entre o direito à cidade e o idoso no mercado de trabalho. **Cad Metrop.**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 441-459, jul. 2016.